



ANO II — N. 12
(JAN 61)

Coordenador: Maj AMERINO RAPOSO FILHO

SUMÁRIO

I — BASES FILOSÓFICAS

SENTIDO DA VIDA DO GENERAL SAMPAIO
Major Amerino Raposo Filho

II — ORGANIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA DEFESA
Brig-do-Ar João Mendes da Silva



TEORIA DE GUERRA

Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenómeno por excelência social, que é a Guerra.

A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.

DOCTRINA DE GUERRA

Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo então, somente aplicável àquele país e numa determinada época.

Sendo a Guerra um fenómeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.

REGULAMENTO

Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.

Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.

I — BASES FILOSÓFICAS

SENTIDO DA VIDA DO GENERAL SAMPAIO

MaJ AMERINO RAPOSO FILHO
(Palestra realizada na ECEME)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. ATUAÇÃO MILITAR DE SAMPAIO

- O Chefe Militar do Século XIX
- Atuação de Sampaio

3. SIGNIFICAÇÃO DE SAMPAIO

- Sampaio em Tuiuti
- Sampaio e Tuiuti
- Sampaio e Caxias
- Sampaio e Osório

4. MENSAGEM ÀS NOVAS GERAÇÕES

5. SÍNTESE FINAL

1. INTRODUÇÃO

A admiração que envolve o nome de Sampaio, não decorre apenas do fato de ter êle atuado no período mais grave de nossa Pátria, que o processo emancipacionista conduzia a lutas internas, de permeio com erupções periféricas, por pouco não se comprometendo a Integridade Territorial. Pois, com êle viveram nessa quadra de extrema sensibilidade Caxias e Osório, completando a Trindade de Heróis, cada qual no seu nível, como três círculos concêntricos a convergir esforços para a Segurança Nacional:

- Caxias, se projetando principalmente como o Comandante-Chefe;
- Osório, firmando-se o Comandante da Batalha, por excelência;
- Sampaio, o Comandante das forças operacionais do Combate.

Daí, não sendo sua glória tão fulgurante quanto a dêesses dois Chefes, relativamente à destinação histórica, sobretudo quando a luta no Prata atinge a seu climax.

Todavia, a passagem do sesquicentenário do nascimento daquele que seria o General Antônio de Sampaio, sugere oportunidade no sentido de meditarmos sobre sua vida, de Soldado e de Chefe Militar, especialmente a significação atual, com vistas ao Problema Militar Brasileiro.

2. ATUAÇÃO MILITAR DE SAMPAIO*

a. O Chefe Militar do Século XIX

A atuação militar de Sampaio faz-se numa época em que "Chefes e Soldados já não lutam por um soberano, mas pela Nação, pelas idéias e princípios que defendem. O soldado já não é um mercenário, que combate por um soldo, ou o vassalo que luta pelo senhor; mas um cidadão armado de direito e carregado de responsabilidades, que defende o sistema de vida que erigiu, os ideais que o animam, as esperanças que o alimentam. Em consequência, o Serviço Militar já não é um privilégio, um meio de vida ou uma servidão; é uma obrigação consciente e espontaneamente aceita, que a conscrição ampliou e generalizou. A Fôrça Armada, já não é propriedade de um Rei, de um Imperador, de um Cônsul, mas a própria Nação, em Armas, vigilante e atenta, para assegurar sua soberania, sua independência, seu progresso".

Esse o Exército em que atuará Sampaio, em seus 32 anos de vida profissional: "Instituição Nacional permanente, pairando acima de grupos e de facções." Exército, pois, com características um pouco de Fôrça Policial, mas principalmente uma Estrutura Militar. Era êle um Chefe, cujas qualidades essenciais coincidiam com a definição de Jomini, quando dizia que o General devia possuir:

"Um grande caráter ou coragem moral, capaz de grandes resoluções, não sendo necessário que tenha grande erudição. Pode saber pouco, mas deve saber bem o pouco que sabe, sendo indispensável que conheça os princípios básicos da Arte da Guerra. Um homem bravo, firme, reto e capaz de estimar, em vez de invejar os méritos de outrem e capaz de fazer crescer, pela vitória, sua própria glória, será sempre um grande General."

Ou, então, se enquadrava Sampaio naquela caracterização, feita por Napoleão, quando se referia a Augereau:

"Muito caráter, coragem, firmeza, atividade; tem hábito de guerra; é amado pelos soldados; é feliz nas operações."

Ou, quando definia Massena:

“Ativo, infatigável, audacioso, golpe de vista, pronto a decidir-se.”

A trajetória militar de Sampaio bem se enquadra naqueles parâmetros definidos por Jomini e Napoleão, quando ressaltam as qualidades de um Chefe Militar. Sua vida é um magnífico exemplo de tenacidade, inteligência viva, vontade e honestidade de propósitos, mas principalmente um caráter ativo e independente, sempre a serviço da Pátria, de seus interesses jamais se afastando.

Começou Sampaio sua profissão “destacando-se pela modéstia, franqueza, coragem e honradez”, como atributos de sua admirável personalidade. Autêntica expressão nordestina, de origem humilde, se consagrou por inteiro à profissão das armas, alcançando o generalato unicamente por seus méritos em campanha, no cerco e assalto a Paissandu, quando comandava uma Brigada de Infantaria, no campo da luta pois, onde realmente se afirmam os guerreiros. Sempre destemido e ousado, “desde que partiu das cercanias de Ibiapina, até cair mortalmente ferido no chão lamacento de Tuiuti, a esperança marchou com ele à frente pela estrada áspera da vida...”. Até “morrer conquistando os lauréis da glória, da fama, do heroísmo”.

O batismo de fogo teve-o no combate de Icó, em 1832, dura ré-frega de meia jornada que aí se feriu. E, já em 1835, acompanha seu Batalhão, que incursiona o Pará, para reprimir o movimento insurreccional conhecido como Cabanada.

Em fins de 1839, irrompe outra revolução, agora no Maranhão, que vai durar até 1841, e aí tem Sampaio oportunidade, pela primeira vez, ainda como oficial subalterno, de servir às ordens de Caxias e na Vanguarda do Comando-Chefe das operações, participando com bravura de 50 combates, dos quais comandou 46. Das glórias do Pacificador na Balaiadã, sem dúvida que Sampaio participa, e de modo expressivo, “contribuindo poderosamente para a vitória das tropas legais, tornando-se figura de singular relêvo entre os que, na mesma esfera de ação, viveram essa mesma época de lutas, de heroísmo e de ininterruptos sonhos de glória”. E o prêmio viria como natural decorrência: a promoção, por merecimento, a Capitão, “em remuneração — dizia o ato oficial — aos serviços prestados na pacificação do Maranhão”. Mas aí não se detém a contribuição do jovem oficial à preservação da Ordem, à manutenção da Paz Interna, que duas outras convulsões se sucedem, abalando a Comunidade Nacional, uma delas de sentido extremamente perigoso à Unidade do país.

Na longa e perigosa Revolução Farroupilha, que durou por um decênio, atuou Sampaio, se bem que apenas em sua fase final. Todavia, o Nordeste novamente se agita com a Insurreição Praieira, que começa em Pernambuco para irradiar-se por várias províncias daquela área. Sampaio lá se apresenta, servindo ao Império.

Encerrava-se um ciclo agitado da vida nacional. As últimas feridas cicatrizavam e a paz interna voltava, por inteiro. Muito embora por pouco tempo, que o perigo expontava agora, de inimigos externos, ameaçando nossa Integridade Territorial. E o Império se volta para o Prata, ora para o Uruguai, ora para a Argentina, com vistas à manutenção de um equilíbrio que se procurava romper para o comprometimento de nossa Soberania. Para essas áreas, ocorre nosso bravo Sampaio, já oficial superior.

Assim é que “seguinto em 1850 como Major de Brigada, marchou para o Estado Oriental a 29 de julho do mesmo ano, tomando parte na expedição da Colônia do Sacramento”. Pouco depois, em 1852, lá estava Sampaio na Argentina, enquadrado pela famosa Divisão brasileira que atacou o centro do dispositivo inimigo, batendo-o de modo definitivo em Monte Caseros e selando a sorte de Rosas. Outra crise no Estado Oriental, e eis o bravo e haróico infante novamente marchando sobre Montevideú, em 1854, com a Divisão Auxiliadora.

Passa-se um decênio e Sampaio, Coronel que já reunia em sua fé de ofício feitos notáveis, “ressurge na Campanha do Uruguai, com o mesmo denôdo vêzes outras demonstrado”. Contribuiu eficazmente para a justa vitória em que o Brasil fortemente se empenhara, cercando e dominando a cidade de Paissandu, que afinal se rendeu em janeiro de 1865, após resistência verdadeiramente heróica. E foi precisamente a 1ª Brigada de Infantaria ao comando do Coronel Sampaio, que tantos louros colhera em Paissandu, que teve a honra de ser a primeira Fôrça a penetrar em Montevideú, um mês depois, à frente seu Comandante, “de rosto sereno e triste sob a pala da barretina, agaloada”. Promovido a General pelos relevantes serviços prestados, se prepara agora — Comandante da 3ª Divisão, por êle organizada e adestrada — para enfrentar um perigo maior, representado pela invasão do Território Nacional, em Mato Grosso e no Rio Grande do Sul, pelas fôrças de López, que davam início ao maior conflito sul-americano de quantos têm existido.

Se não pudera impedir a queda de Uruguaiana, pelo menos contribui para a rendição final do inimigo e se prepara para invadir o território paraguaio, o que se dá em abril de 1866, atuando com extraordinário brilho na travessia do Paraná, em Passo da Pátria e pisando pela primeira vez o território adversário, para dali sair um mês após, ferido de morte.

3. SIGNIFICAÇÃO DE SAMPAIO

a. Sampaio em Tuiuti

Não vamos fixar o quadro no qual se desenvolveu a Estratégia Operacional Militar Aliada, ressaltando o enjaulamento em que ficaram as Fôrças de López, em seguida à Batalha de Riachuelo, e destacando a fisionomia táctica das Operações Terrestres.

Nem configurar pretendemos o Campo de Batalha de Tuiuti que representou, de certa forma, o mesmo papel de Caen, Mortain e Ardenas, no quadro da Estratégia Operacional Aliada na Frente Ocidental em 1944. Isto é, área decisiva onde o Alto Comando Paraguaio intentava readquirir a liberdade de ação para atuar com suas fôças. Como pretendia Hitler, a seu turno.

De forma alguma, que isso seria ofender, e profundamente, o conhecimento de nossa História Militar, de absoluto domínio e segurança dos senhores.

Desnecessário, pois, situar as Fôrças em presença, a Manobra Paraguai, a Surpresa obtida e, finalmente, a extraordinária e magistral Manobra-Resposta de Osório, onde êsse Chefe realmente notável apreende, num relance, a intenção inimiga, induz a manobra mais adequada, dosa seus meios, para atuar sucessivamente em cada uma das direções do esforço paraguaio, desarticulando completamente o conjugado de fôrças. Tudo, consoante àquela idéia sempre moderna, e cada vez mais atual, de que o fundamental no Campo de Batalha é a Manutenção da Iniciativa, no quadro ofensivo como no defensivo, aflorando então a Manobra Defensiva com aquêlo propósito de restabelecer, restaurar uma situação de equilíbrio rompida.

Pois, o que pretendemos, senhores, é mostrar, menos a atuação de Sampaio nessa verdadeira Batalha das Nações, que apontar o sentido, destacar a significação de seu sacrifício glorioso. Ou, a mensagem deixada com sua morte prematura!

Assim, colocaremos de lado aquêles aspectos da intimidade da Batalha de Tuiuti — onde expontam em destacada ênfase a brutalidade, o choque violento e encarniçado, o obstinado espírito ofensivo de ambos os contendores, a verdadeira orgia de consumo de munição e de vidas humanas — fazendo que ela muito se assemelhe, neste particular, a Ânzio, Bastogne, St Vith, para os Aliados. Ou, Cassino e Stalingrado, para os alemães. Isto é, defesa a todo custo, sem ceder um só palmo de terra, rebatendo flancos e tamponando tôdas as brechas de imediato à sua abertura, para se transformar acaso necessário em operação de fôrças cercadas. Conceito, também, cada vez mais atual e moderno.

Abandonaremos, pois, não apenas a moldura de Tuiuti, como os traços fortes dêsse quadro magnífico, dessas côres vivas, para isolar a figura de Sampaio, autêntico centro de gravidade da manobra e cuja atuação foi decisiva.

b. Sampaio e Osório:

São duas empolgantes figuras nessa Batalha. Nesse mesmo campo de batalha que inicia a jornada histórica de 24 de maio, comemorando em festas o título honorífico de Barão do Herval — concedido pelo Imperador a Osório, “pelos notáveis serviços prestados ao Brasil na travessia do Paraná” — para terminar o dia em profundo abatimento pela perda de Sampaio.

Dois chefes que se entendem, se completam. Osório, "conduzindo a batalha", com habilidade, audácia e heroísmo. Sampaio, executando-a, num desdobrar tremendo de esforços e bravura, para que a causa comum saísse vitoriosa. Um, se refazendo da Surpresa e apelando para a Mobilidade, estruturando combinações que restaurassem condições anteriores. Outro, fiel cumpridor da missão de barrar o acesso inimigo pelo flanco esquerdo, operando a peça fundamental do conjunto da manobra.

E quando, no fragor da batalha, a crise atinge ao seu clímax, quase rompida a frente, é o próprio Osório quem despacha seu ajudante-de-ordem, a pedir maior sacrifício de Sampaio, enquanto reúne meios para enviar em reforço. Ao que o brioso infantê, já "banhando em sangue seus atos de bravura" declara:

"Diga ao General que estou cumprindo meu dever; mas, como já recebi dois ferimentos e estou perdendo muito sangue, seria conveniente que me mandasse substituir."

E já o oficial se preparava para levar a Osório a resposta, quando Sampaio recebe um outro balaço, aproveitando para completar a mensagem, fria e calmamente:

"Olhe, Sr. alferes, diga ao General que este é o terceiro ferimento!"

c. Sampaio e Tuiuti:

Então, por que foi decisiva a atuação de Sampaio em Tuiuti, se aí se configura, na plenitude, uma Batalha e seu Comandante é Osório, que se conduz, aliás, de maneira irrepreensível, desassomburada e, sobretudo, oportuna? Não seria ele apenas um dos comandantes de Divisão, por ele "forjada no fogo de muitos encontros sangrentos", a famosa 3ª Divisão Encouraçada e, por isso, barrando uma das direções, no caso a do flanco esquerdo? Ou foi o magnífico entrosamento e cooperação das duas Armas irmãs, Infantaria e Artilharia? Aquela, "cumprindo com fidelidade, bravura e habilidade a missão recebida, excedendo-a mesmo com estoicismo, no sacrifício que lhe foi fatal, no trágico e pavoroso drama de 5 horas em que sua Divisão, alvo predileto das arrasadoras cargas de Cavalaria e do choque impetuoso da Infantaria enfurecida, transformando em vitória a derrota que se aproxima". Enquanto a Arma de Mallet, detém as cargas de Cavalaria num fôss, que "é o rochedo na linha de costa contra a qual vão despedaçar-se impotentes as vagas de um mar revoltoso?" Ou desencadeia seus fogos nos flancos da Infantaria que ataca Sampaio!

A contribuição decisiva de Sampaio ao vitorioso prosseguimento das operações está, sobretudo, no sacrifício de sua preciosa vida nessa jornada sangrenta de 24 de maio de 1866. No mesmo dia, por sinal, de seu aniversário natalício, é ferido de morte, para ingressar pouco depois, e definitivamente, na imortalidade, "como a mais alta das grandezas e servidões da carreira militar", quando completava 56 anos,

mas depois que se concretiza o sonho de vitória plena sobre o inimigo audacioso. Seu comportamento à testa da 3ª Divisão, "envergando farda nova bordada a ouro, matizada de condecorações e medalhas faiscantes" — heróica, abnegado e pleno de bravura pessoal — foi uma atuação verdadeiramente temerária, mas que vai se traduzir em surpreendente derrota para os paraguaios.

Assim foi Sampaio em Tuiuti, padrão de glória de nossa História Militar e uma de suas páginas magníficas e mais expressivas, onde ele avulta na mesma altaneira de Osório e Mallet, nivelando a trindade máxima de tamanha apoteose.

d. Sampaio e Caxias:

Embora não tivesse Sampaio a ventura de servir às ordens de Caxias na Guerra do Paraguai, como acontecera no Maranhão, no Rio Grande do Sul e na Campanha de 1851-52, de modo indireto; contudo, seu sacrifício, quando tomba mortalmente ferido em Tuiuti — imortalizando seu nome como verdadeira estrela de primeira grandeza e exemplo viço e edificante de amor à Pátria — vai iluminar a estrada da arrancada final e gloriosa do nosso Patrono. Aquêles três ferimentos serviriam para balizar, num simbolismo todo significativo, as três extraordinárias ações de Caxias, em Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. Simbolismo realmente impressionante; pois, sentindo o Deus da guerra que a vitória fôra assegurada, preferiu imolar aquêle, dentre tantos, que mais se destacara no Campo de Batalha, no caso o herói máximo da Infantaria, que a oportunidade, de então por diante, seria sobretudo para outras Armas.

— E aí está a famosa Marcha de Flanco, por W, consagrando a Engenharia;

— E Avaí, viria pouco depois, para sublimar a Cavalaria.

E a Artilharia? Esta ficara com o esplendor máximo onde o infante mais se destacara. Em Tuiuti mesmo, numa simbiose autêntica, antevisão da estreita e íntima ligação, tão contraditória já no final do século, mas que até então se apresentava, em verdade, como "justaposição" de armas.

4. MENSAGEM ÀS NOVAS GERAÇÕES

Senhores:

No curso dêste pequeno bosquejo, procuramos pinçar alguns aspectos relacionados com a vida dêsse verão insigne, que, em sua gloriosa imortalidade, nos deixa um exemplo dos mais expressivos, de dignidade, bravura e sacrifício voluntário pela Instituição a que tanto servira, tudo lhe ofertando. Nas lutas intensas pela preservação da Ordem,

como na defesa da Soberania Nacional. Por isso mesmo se erigindo no Herói-Símbolo de nossa Infantaria. Sobretudo, por sua magnífica atuação em território paraguaio, de onde, daquele quase configurado cerco, sairia o Leão bravo, que, acuado em Tuiuti, rompia com tôdas as forças para a arrancada vitoriosa de Caxias, pouco depois, em duas sucessivas e extraordinárias manobras, de Humaitá e do Piquiciri.

Dizia Montesquieu, no prefácio ao livro "Do Espírito das Leis" que, "ao se voltar para a Antiguidade, teve de procurar-lhe o espírito para não olhar como semelhantes casos realmente diferentes, e não deixar de observar as diferenças entre os casos que parecessem iguais...". Isso, naturalmente visando a estabelecer o espírito de cada Lei, Doutrina, Modo de Vida, acrescentando em seguida, que "não importa a causa que o determina pois o fundamental é que existe um espírito geral para cada Nação". E cita, inclusive: "Atenas, vivaz, alegre, despreocupada; Lacedemônia, grave, séria, sêca, taciturna; França, vaidosa; Espanha, orgulhosa; China, apetecente de ganho fácil e rápido".

Quando se pensa, Sr., no Problema Militar Brasileiro em termos objetivos, em conformidade com uma maneira de ser, de agir, de atitude principalmente especulativa para atendimento às necessidades da Segurança Nacional, Interna e Externa.

Quando se intenta esboçar uma Estrutura Doutrinária moderna, inspirada inclusive nas características e peculiaridades do nosso Homem e das Áreas Geo-Estratégicas de atuação provável.

Enfim, quando se medita relativamente à Guerra Moderna, Regular ou Revolucionária, em tôdas as suas manifestações conceptuais e implicações decorrentes, melhor inspiração não poderíamos encontrar — no que tange ao esmiuçamento psicológico do Homem Brasileiro, do Soldado e do Chefe Militar — do que exumar a personalidade de Sampaio, configurando-lhe a contôrno e, mais que isso, discernindo e dissecando suas peculiaridades, para a compreensão e a inteligência de seu comportamento profissional, por forma a sentir as diferentes reações emocionais e psicológicas do Nosso Homem, que êle tão bem representa no Campo de Batalha. E nas diversas Áreas Ocupacionais em que atuou. Principalmente, em Tuiuti.

Em nenhuma outra Comunidade se aplica tão bem, em cheio, a observação altamente filosófica de Montesquieu, pela razão mesma de que, se a Guerra é uma luta pelo menos a dois e seu elemento fundamental é o Homem, na Regular como sobretudo na forma Revolucionária, naquela "luta entre duas vontades" de Clausewitz. Se é o Homem o centro de propagação e de convergência de tôdas as emoções no Combate, na Batalha e na Estratégia, por que não mergulhar fundamente no estudo do Nosso Homem, que, em última análise, terá a incumbência de preparar e organizar as várias estruturas, adestrando-os para emprêgo no Campo da Batalha? Por que não estudar, e profundamente, a personalidade de nossos Chefes do Passado?

Caxias, Osório e Sampaio aí não estão, se prestando a completo inventário de Liderança e Psicologia, individual e coletiva, com vistas à fixação do Tipo Militar Brasileiro? O primeiro, se isolando como Chefe Militar, mas especialmente como Comandante-Chefe para as necessidades operacionais de nossa Estratégia. Sua atuação na Guerra do Paraguai a " não está, e o Comandante do Teatro de Operações nêle não se fixa, com extraordinário relêvo, bem se lhe ajustando, por isso, o laurel de Patrono das Fôrças Terrestres, se nivelando a Napoleão, Sherman, Suvorov, Foch e Montgomery?

Já Osório, o legendário, caracteriza na plenitude o Chefe Tático, o Comandante das Combinações no Campo de Batalha, no divisor entre a Estratégia Operacional e a Tática. Aquêlê Chefe que vai abrir o Espaço, ou manter a Barreira estabelecida, para que a Estratégia possa realizar-se. Portanto, nada ficando a dever a Davout, Augereau, Romell e Patton.

E Sampaio? Em seu comportamento nas Campanhas do Uruguai e, principalmente, no Comando da heróica 3ª Divisão no Paraguai — a famosa Divisão Encouraçada — não exemplificou êle o Comandante Divisionário por excelência? Esboçando, em seus lineamentos mais amplos, o que futuramente seria a Combinação das Armas no Combate?

5. SÍNTESE FINAL

Aí está, Sr., o sentido da homenagem que pretendemos significar ao General Antônio de Sampaio, na data comemorativa de sua consagração, ao ensejo do sesquicentenário de seu nascimento. Homem que era — no dizer de Gustavo Barroso — "um tipo de caboclo cearense, brunido de sol, o rosto largo, de maçãs salientes sob a pala da barretina agaloadada. Olhar sereno e triste. Um quê de vaqueiro no jeito mole de montar, na aparente quebreira do corpo. Entretanto, ninguém mais ágil, mais ativo e mais valente...".

E tu, Sampaio, que apontas, em autêntica mensagem a nós outros e traduzida, na gloriosa trajetória de tua existência militar, os deveres máximos que às Fôrças Terrestres incumbem, de manutenção da Ordem Interna e Defesa do País contra qualquer agressão. Por isso que contribuístes para que a Unidade Nacional sobrevivesse. E, mais que isso, se afirmasse a Soberania Pátria no Quadro Regional Platino. Definindo, em última análise, com tua vida, de Soldado, as Missões Constitucionais hoje cometidas às Fôrças Armadas!

Tu, que bem destacaste aquelas virtudes militares do Homem Brasileiro e, por isso, estimulas a mística da Infantaria da Academia Militar e com teu nome glorificas o 1º Regimento de Infantaria — tantas vêzes vitorioso na Campanha da Itália — e cujo estandarte ostenta com orgulho o Leão e as três estrêlas do sofrimento e do estoicismo!

Tu, que inspiraste com as três chagas de Tuiuti, os motivos heráldicos da condecoração "Sangue do Brasil", para prêmio daqueles que derramem o sangue precioso no campo da Honra Nacional!

Tu, que embora ombreando com os que mais o foram, para as diferentes Armas, não te deixaste ofuscar pelo brilho de tanto fulgor, não nos abandones! Continua inspirando as gerações de hoje, no sentido de continuarmos dignos do teu sacrifício, de tua gloriosa vida de Soldado e de Chefe Militar. Para que, estimulados pelo teu exemplo, possamos revigorar energia e fé nos destinos de nossa Instituição como Força Armada Permanente e realmente Profissional.

General Sampaio! A ECEME aqui está reunida, com profundo sentimento de admiração e respeito, para te dizer que não apenas a Infantaria Brasileira se ufana de tua vida e da contribuição que a ela prestastes — a ponto de afirmar que "os melhores são apenas bons", pois só tu foste excepcional. Não apenas a Infantaria Brasileira se orgulha e se ufana, mas todos nós, o Exército inteiro, a Nação toda, que por isso guarda com honra teu Exemplo e tua Memória, para exhibir às gerações futuras.

DOUTRINA PARA TO SUL-AMERICANO

"Trata-se essencialmente de:

- respeitar a Doutrina, a parte permanente (ou menos variável) da experiência da Guerra;
- utilizar os Processos, tanto na Organização, como na Tática, como na Estratégia, escolhendo e adaptando os mais adequados às circunstâncias particulares ao meio e às modalidades da Guerra em cada Teatro de Operações, encarando quer o caso de se dispor de aparelhamento completo, quer também o de possuírem recursos deficientes e muito aquém das necessidades. É preciso, repito, encarar a Guerra do rico, dos meios poderosos, mas não abandonar a eventualidade da Guerra com recursos reduzidos.

Não se trata de copiar servilmente nenhum regulamento, nenhuma organização, mas de adaptar com inteligência.

Não se trata de aceitar cegamente opiniões alheias, mas de analisá-las, compreendê-las para aplicá-las com critério pessoal.

Adaptação inteligente, flexibilidade de espírito na aplicação dos processos de guerra. Eis a pedra de toque de nossos estudos, das nossas concepções e das nossas realizações. Como vimos, a diversidade dos TO eventuais e a situação ocasional dos meios de guerra, impõem soluções várias para cada caso, as quais, por sua vez, terão que se modificar à medida dos progressos do país e do aumento de possibilidades das organizações armadas."

Ten-Cel T. A. ARARIPE

(Trecho dum trabalho sobre Doutrina na América do Sul)

II — ORGANIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA DEFESA

Brig do Ar Eng JOÃO MENDES DA SILVA

NOTA DO REDATOR

Aos camaradas que leram, em nosso número anterior, o artigo intitulado "Ministério da Defesa", no qual expendemos nosso ponto de vista relativamente a tema tão importante quão atual, e decisivamente ligado ao futuro de nossas Forças Armadas, basta recomendar máxima atenção ao excelente trabalho adiante apresentado.

Na verdade, trata-se de estudo profundamente interessante a quantos se preocupam com o problema de nossa Doutrina Militar, que precisa de ser estruturada em termos de Forças Armadas. E, quem fala em Forças Armadas, obviamente sugere compreensão e entrosamento dos ministérios encarregados da Defesa Nacional, não apenas como se vinha operando até à guerra de 39-45, mas sobretudo como se entende nos dias que correm.

Vale a pena acompanhar o problema do Ministério da Defesa em sua evolução em vários países, razão pela qual encarecemos a atenção dos leitores para o tema tão bem desenvolvido pelo Brigadeiro João Mendes da Silva.

Major A. RAPOSO FILHO

1. A NECESSIDADE DE UM MINISTÉRIO DA DEFESA

Nossa concepção de segurança nacional tem de ser alicerçada em pressupostos compatíveis com a realidade dinâmica da vida, tal como se entende modernamente. Há, implícita uma noção de permanência, de persistência que não é, entretanto, inconciliável com a idéia perpétua de perspectiva transformação admitindo até mesmo mutação brusca tanto em relação aos processos de guerra, quanto à estruturação ou organização das forças armadas, elemento militar da segurança nacional.

O mundo assiste, aliás, a essa transformação com resultante do formidável progresso científico e técnico, a começar pela resolução norte-americana de entregar em 1954, sua primeira linha de defesa às forças aéreas, na famosa reunião de Key West, depois os russos criando uma força independente de engenhos dirigidos e mais recen-

temente a Inglaterra declarando que iria abandonar as armas convencionais e consagrar-se aos engenhos dirigidos. Tudo isso de permeio com uma reorganização geral das forças terrestres que passaram a ter canhões atômicos, divisões de menor efetivo, porém com potência de fogo por homem-unidade muito superior à obtida em qualquer outra época da história militar e com uma estratégia toda especial, como nos ensinou o General Carpentier; as forças navais têm engenhos dirigidos com ogivas nucleares, submarinos com motores atômicos capazes de passar sob a capa de gelo do Ártico devido à sua possibilidade de permanência de meses, mergulhado, sem necessidade de vir à tona e as forças aéreas equipam-se com aviões de bombardeio subsônicos capazes de dar a volta ao mundo em 40 horas, aviões de bombardeio supersônicos, aviões de caça e interceptação hipersônicos, tudo isso aliado a engenhos dirigidos de velocidades entre 900 e 25.000 km e alcances de 15 a 10.000 quilômetros.

Nesse aspecto da conjuntura internacional sobreleva a penetração no futuro, de vez que não se sabe como será essa guerra para a qual todos se preparam com orçamentos pesados e auxiliados por uma ciência e técnica progressistas e diabólicas.

Não é fora de propósito repetir-se a observação do Marechal Ritter Von Leeb:

“A grande variedade de opiniões prova quão difícil é reconhecer, em tempo de paz, a extensão da influência de novas ou de aperfeiçoadas armas na conduta da guerra e do combate; e também da própria concepção da forma de guerra.”

Essas opiniões variam na época presente das que decorrem do conservantismo militar — determinado mais pelo hábito do que pela razão — entre os que têm preguiça de raciocinar dentro de uma previsão razoável, pois crêem que sabem tudo o que os fatos ocorrerão como eles têm conhecimento de haverem ocorrido no passado — e a prova disso é o plano a que foram relegados tanques e aviões antes da Segunda Grande Guerra, variam, dizíamos, até os que ignorando as lições do passado aventuram-se em demasia nas previsões, deixando de formar um traço de união entre o último conflito e o próximo que houver.

A doutrina de guerra de cada país é influenciada não só pela conjuntura internacional, como também por esse aspecto que tomam as operações bélicas e pela conjuntura nacional.

No Brasil, forçosamente, influenciam nossa doutrina, as nossas tradições, nossa situação geopolítica, nossa ciência e técnica e, não forçosamente o auxílio em equipamento militar que venha a ser recebido dos aliados. Influindo na doutrina de guerra o fazem também na organização das forças armadas. Não é possível conceber-se poder militar sem identificá-lo com a idéia de combinação das diferentes forças armadas a fim de ser realizada com pleno rendimento a estratégia e a tática militares.

Em nosso país — como, de resto em nenhum outro — nenhuma força armada poderá sôzinha assegurar a decisão final numa guerra. É necessário constantemente associar os produtos da ciência e da técnica, descobrindo as combinações adequadas das armas, principalmente os meios de cooperação entre elas no tempo e no espaço, com o indispensável apoio logístico, a fim de ser assegurado o sucesso militar. Assim é que novas armas exigem táticas e até estratégias novas mas o êxito dependerá sempre e inteiramente da combinação das operações realizadas pelas forças armadas, o que quer dizer, da unidade de comando operacional.

Essa unidade de comando operacional só pode ser obtida havendo unidade na estrutura militar, na condução da estratégia militar, na organização das forças armadas destinadas a operar em terra, no mar e no ar, e unidade no apoio logístico às mesmas.

Vários são os motivos de ordem política, econômica, psico-social e militar que recomendam a criação do Ministério da Defesa. Há necessidade de integrar as forças armadas brasileiras em um amplo organismo de defesa, como já o fizeram outras nações que não têm, aliás, os nossos problemas, tais como os de extensão territorial, crises econômicas e financeiras, desníveis de natureza social e subdesenvolvimento. Sob um só orientador, muito maior seria a estabilidade política do conjunto militar de vez que as opiniões divergentes sempre presentes e indispensáveis, mesmo em uma democracia, seriam confinadas a um só órgão administrativo que teria recursos para atenuar crises geradas quando as paixões se acentuam e que, por força mesmo do temperamento brasileiro, tendem a manifestar-se abertamente; haveria maior rendimento nos recursos postos à disposição do Ministério pela economia a ser realizada no estudo, aquisição e aperfeiçoamento de todo o equipamento comum às três forças, para mencionar só êsse rendimento; haveria maior entendimento pessoal entre os milhares de profissionais que espalhados no Brasil inteiro estão sempre prontos para cumprir, juntos, a mesma missão, de defender seu país; êsse maior entendimento teria certamente reflexos não só sobre os entendimentos entre os elementos subordinados ao Ministério da Defesa como também entre êste e o próprio povo com que entram êles em contato para suas necessidades funcionais.

Mas há ainda o aspecto de maior importância: existe, presentemente, a coordenação do planejamento para a realização das missões combinadas das três forças armadas, mas não existe a coordenação da programação de realizações indispensáveis à execução dos planos elaborados; daí a necessidade de um Ministério da Defesa que realizaria coordenação dos problemas indispensáveis à execução dos planos elaborados; daí a necessidade de um Ministério da Defesa que realizaria coordenação dos programas indispensáveis e que não se realiza presentemente, ficando os planos sem o indispensável apoio para as operações.

Daí a necessidade de centralizar a administração militar no Brasil, a exemplo do que já existe em outros países e mesmo entre vários países como é o caso da OTAN.

2 — A CRIAÇÃO DO MINISTÉRIO DA DEFESA EM VÁRIOS PAÍSES

2.1 — Estados Unidos

O “National Security Act” de 26 de janeiro de 1947 tirou a autonomia do Exército e da Marinha, criou a Força Aérea, colocou as três forças sob a direção de um Estabelecimento Militar Nacional (National Military Establishment), criou o Conselho de Segurança Nacional, dando-lhe determinada composição, a Junta dos Chefes de Estado-Maior Geral e o Conselho de Guerra.

Como complemento dessa lei, houve, em Key West, em março de 1948, uma reunião governamental de que resultou numa diretriz denominada “Function Paper” onde são definidas as missões de cada força, classificadas em “missões primárias” e “missões secundárias”.

Em 1949, nova lei foi sancionada, o “National Security Amendments of 1949” introduzindo modificações à supracitada e que são:

a) O Conselho de Segurança Nacional teve alterada a sua composição. De seus membros permanentes foram excluídos os Secretários de Exército, da Marinha e da Força Aérea;

b) A expressão **National Military Establishment**, introduzido pela lei de 1947 foi substituída pelo título **Departamento de Defesa** (Department of Defense);

c) A autoridade do Secretário de Defesa sobre os Departamentos e órgãos subordinados foi amplamente reforçada;

d) O Gabinete do Secretário de Defesa passou a ter organização mais racional, a fim de atender, da melhor forma, aos complexos encargos de sua atribuição. Criaram os postos de Subsecretário de Defesa (Deputy) — colocado em plano superior aos de secretários das três Forças — e de três Secretários Assistentes, um deles desempenhando as funções de Controlador Geral (Comptroller) do Departamento, no tocante aos assuntos administrativos;

e) Os Departamentos das três forças desceram de categoria de Departamentos Executivos à categoria de Departamentos Militares;

f) O antigo Conselho de Guerra, criado em 1957, foi substituído pelo Conselho Político das Forças Armadas;

g) A Junta de Chefes de Estado-Maior foi dotada de um **Chairman** (Diretor ou Presidente, não Chefe) sem direito a voto, mas com precedência sobre todos os oficiais das Forças Armadas do país;

h) O efetivo máximo de oficiais de **Estado-Maior Conjunto**, fixado pela Lei de 1947, em cem, foi ampliado para duzentos e dez;

i) A organização dos orçamentos militares e os processos fiscais a serem seguidos no Departamento de Defesa foram sujeitos a minuciosas normas visando obter “economia e eficiência”. Todo um Título — o Título IV — tratando do assunto foi acrescentado à Lei de Segurança Nacional.

Desta maneira, dentro da reforma é que funciona atualmente o Ministério da Defesa, nos Estados Unidos permitindo-nos aqui destacar as características essenciais do seu sistema:

1) Preponderância absoluta da direção civil nos negócios da Secretaria de Defesa. Civis são, por exigência da Lei, o Ministro da Defesa e os Secretários do Exército, da Marinha e da Força Aérea e os Presidentes das Juntas de Munições e de Pesquisa.

2) Empenho máximo de preparar racionalmente e por completo a mobilização econômica do país utilizando os ensinamentos da Segunda Grande Guerra.

3) Esforço extremado no sentido de ativar e desenvolver cada vez mais a pesquisa científica e técnica nos setores ligados à segurança nacional.

2.2 — França

Na organização militar francesa o mais alto órgão é o Comitê da Defesa Nacional, que é presidido pelo Presidente da República, aparecendo como organismo onde são confrontados os imperativos militares da Metrópole e os da União Francesa.

Em função das decisões elaboradas no Comitê de Defesa, é o Presidente do Conselho quem assegura a direção das Forças Armadas e que coordena o estabelecimento da Defesa Nacional. Outrossim, éle:

— Exerce o poder de direção dos comandantes de teatro de operações, de zonas estratégicas e de zonas de ocupação.

— Assenta os planos de defesa e a repartição das forças, os programas de armamento, as solicitações de créditos necessários para a Defesa Nacional, os programas de equipamento e de mobilização industrial.

— Decide quanto à organização geral das Forças Armadas e determina os princípios que regulam a repartição dos recursos e dos efetivos entre as três Forças.

Na prática, é normalmente o Ministro da Defesa (des Forces Armées) que exerce as atribuições acima expostas. Ele tem então o título de Ministro da Defesa Nacional e das Forças Armadas. O decreto de 27 de junho de 1953 limitou-se a precisar uma tradição datando de 1948. Desde esta data, com efeito, e salvo raras exceções, o Presidente do Conselho usa a faculdade que lhe oferece a Constituição, de delegar a totalidade ou parte dos seus poderes em matéria de Defesa Nacional. O Chefe do Governo se reserva, no entretanto, as questões que interessam à política geral do governo. Por seu lado, o Ministro da França de Ultramar é encarregado do emprêgo das forças estabelecidas no exterior.

Os textos de julho de 1953 confiaram, além disso, ao Ministro da Defesa Nacional e das Forças Armadas as atribuições anteriormente da alçada dos ministros da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica.

É, doravante, por delegação do Ministro da Defesa Nacional e das Forças Armadas que os secretários de Estado exercem suas funções ainda que o Ministro da Defesa Nacional e das Forças Armadas deva conservar obrigatoriamente:

- as questões interfôrças de organização e de administração;
- as questões interministeriais;
- as negociações com as autoridades militares estrangeiras.

As grandes linhas da organização aparecem, pois, assim: em função das diretrizes governamentais (Presidente do Conselho e Comité da Defesa Nacional), o Ministro da Defesa e das Forças Armadas coordena o estabelecimento da Defesa Nacional e, assessorado pelos três Secretários de Estado às Forças Armadas, assenta a organização das mesmas fôrças. Na Europa, o emprêgo dessas fôrças é de alçada de certos organismos internacionais. Nos territórios de ultramar, é o Ministro da França de Ultramar que é o encarregado do emprêgo das Forças estacionadas nesses territórios.

Qualquer que seja a repartição das atribuições entre as diferentes personalidades políticas e as diferentes instituições, a organização da Defesa Nacional se desenvolve em dois planos:

- o plano da organização da Nação para o tempo de guerra, que representa a Defesa Nacional propriamente dita; e
- o plano da organização das Forças Armadas.

A cada um dêles correspondem:

- órgãos consultivos;
- órgãos de trabalho;
- órgãos de ensino;
- órgãos de estudo.

Vemos por aí que a organização francesa da Defesa Nacional é caracterizada por uma centralização mais acentuada que se vem fortalecendo nos últimos anos.

A extensão das atribuições do Ministro da Defesa Nacional e das Forças Armadas, face às dos Secretários de Estado das Forças Armadas, que só detêm o poder através de uma delegação do ministro, ratificam essa tendência.

2.3 — U.R.S.S.

As Forças Armadas da União Soviética consistem essencialmente, de cinco ramos separados — Forças Terrestres, Forças Aéreas, Forças Navais, Tropas de Segurança, Forças de Engenhos Dirigidos.

As Forças Terrestres, Aéreas, Navais e de Engenhos Dirigidos são tôdas administradas pelo Ministro da Defesa; as Tropas de Segurança estão sob a orientação do Ministério dos Negócios Interiores (MVD).

Sob o ponto de vista da administração, o Ministério da Defesa supervisiona a parte mais importante das Forças Armadas. Mais de 90% do pessoal destas está sob sua jurisdição. Através de seu Estado-Maior Geral, suas várias Diretorias e QG de campanha, o Ministério da Defesa executa a sua parte da política nacional-militar. Esta política inclui o recrutamento de conscritos para todas as Forças Armadas, em tempo de paz, e a mobilização de reservistas em tempo de guerra.

Nos últimos anos, em virtude do avanço tecnológico do poder aéreo (aviação estratégica, caças sem piloto, teleguiados) e no poder marítimo (força de submarinos de alta velocidade e capacidade ofensiva, armados de foguetes ou projéteis nucleares) há uma situação de equilíbrio entre as forças, apesar da influência marcante do Exército, não só na direção da guerra como na política geral.

O Ministro da Defesa e seus Primeiros Comissários, despacham com o chefe do Estado-Maior Geral, o chefe do Conselho Político Principal de Diretores e o Inspetor-Chefe. Embora o ministro transmita suas decisões e ordens aos órgãos militares, principalmente através do chefe do Estado-Maior Geral, o canal de comando vai diretamente da sua pessoa até certo QG em Moscou, e comandos de campanha na U.R.S.S. e no exterior.

A maior parte das restantes funções do Ministro da Defesa é desempenhada por cinco oficiais: o Comandante-Chefe das Tropas Terrestres, o Comandante-Chefe das Forças Aéreas, o Comandante das Forças Aeroterrestres, o Chefe dos Serviços de Retaguarda e o Comandante das Forças de Engenhos Dirigidos. Cada um desses oficiais tem um QG e um Estado-Maior.

O Ministro da Defesa tem ainda atribuições quanto à aplicação da justiça militar, a administração do pessoal, a supervisão da instrução militar para elementos não integrantes das Forças Armadas e a publicação de manuais militares.

Este é o resumo do sistema em que funciona na U.R.S.S. o Ministério da Defesa.

2.4 — Argentina

Na República Argentina, o Presidente e, constitucionalmente, o Comandante Supremo das Forças Armadas, podendo, entretanto, delegar poderes "para a direção das operações militares e comando-chefe de todas as Forças da Nação".

O presidente, para os assuntos relativos à Segurança Nacional, dispõe de três elevados órfãos assessores:

- o Conselho de Segurança Nacional;
- o Ministério da Defesa Nacional;
- o Estado-Maior de Coordenação.

O primeiro, sem dúvida, o mais elevado órgão da Segurança Nacional, tem a seu cargo, de modo geral, a política de guerra e a conduta desta em seu aspecto político-militar, e tôdas as questões que afetam a preparação da nação para a guerra.

O Segundo, Ministério da Defesa Nacional, tem em seu chefe o principal assessor do Presidente em todos os assuntos específicos da Segurança Nacional, no seu aspecto político-militar. Cabe, destarte, ao Ministério da Defesa:

- Estabelecer a orientação geral e os programas de organização e equipamentos das Fôrças Armadas;
- Exercer a direção geral e o contrôle das referidas fôrças;
- Supervisionar e coordenar os orçamentos das diferentes atividades e cargo das fôrças armadas.

O terceiro, Estado-Maior de Coordenação, por intermédio do seu chefe, assessora o Presidente e o Conselho de Segurança Nacional, em tudo que se refere ao planejamento estratégico, organização e emprêgo combinado das Fôrças Armadas.

2.5 — Inglaterra

Na Inglaterra os negócios militares dependem do Primeiro-Ministro e também do Gabinete de Guerra, no que respeita à política geral. É sua a responsabilidade da conduta da guerra. Tôda a questão que ultrapasse as atribuições normais de um ministério é evocada diante dêle ou diante de um dos Comitês do referido Gabinete de Guerra. Além dos oito membros originários, outros ministros assistem ou podem assistir, em certos casos, às deliberações do Gabinete. Enfim, o Gabinete de Guerra comporta um Secretário dos Comitês e Subcomitês, assegurando assim, **centralização, permanência e continuidade**

Ao vértice, pois da pirâmide governamental, o Gabinete de Guerra; sôbre as faces desta pirâmide os quatro grandes domínios sôbre os quais se exerce a autoridade do Gabinete de Guerra:

- Negócios Militares;
- Negócios Interiores;
- Aprovisionamentos;
- Reconstruções.

Assim, no sistema britânico, não há princípios gerais nitidamente estabelecidos. É pela autoridade do Gabinete de Guerra e pela personalidade do Primeiro-Ministro que a solução inglesa é marcada pelo princípio da unidade.